manchete

Expresso	Periodicidade: Semanal		Temática:	Justica
	Classe:	Informacão Geral	Dimensão:	2495 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
02-03-2019	Tiragem:	82175	Página (s):	7 a 9

fisga

"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"

Nem mais uma

O QUE NÃO TEM DE SER TEM MUITA FORÇA.
O QUE NÃO TEM DE AMOR TEM MUITA DOR.
OS NOMES E OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

TEXTO **ANDRÉ MANUEL CORREIA**
INFOGRAFIA **CARLOS ESTEVES**

GETTY IMAGES

manchete

Expresso
02-03-2019

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 82175

Temática: Justiça
Dimensão: 2495 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 7 a 9

Linhas cortadas. Vidas ceifadas. O que não tem de amor tem muita dor. Instintos opressores. Instantes de horror. Silêncio. Passos para o pesadelo. O som de um tiro. Uma faca apontada. Mãos mortais manchadas de sangue. Nas casas, nas ruas, em toda a parte, a pungência da violência doméstica agride a sociedade portuguesa e cobre de luto o país. O eco das vozes sem voz fere-nos. Rostos olhados tarde demais. Fazem-se manchetes. Somam-se os números, multiplica-se a indignação coletiva, até que a mesma seja subtraída, estancada pelo torniquete do esquecimento. Ficam os nomes. Todos os nomes que devemos lembrar.

"O homicídio de mulheres é a ponta do icebergue", começa por explicar Maria José Magalhães, presidente da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), associação responsável pelo Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), cujos dados recolhidos deixam a nu uma realidade em que, entre 2004 e 2018, 503 mulheres foram agredidas letalmente num contexto de intimidade em Portugal. As ocorrências atingiram mortalmente 20 pessoas do sexo feminino no ano de 2017 e subiram para 28 no ano passado. "Nem mais uma!", reivindica e repete, para não se repetir, a UMAR, advertindo para a necessidade de apostar na prevenção. "A vítima denuncia, pede ajuda, até pode ser avaliada pelas forças policiais como uma situação de risco, o processo passa para o Ministério Público, mas depois não são tomadas as medidas ideais para afastar o agressor e para proteger a vítima", alerta a dirigente da UMAR, para quem as políticas sociais de apoio "têm evoluído", enquanto denota que a Justiça, que deve ser cega, é, não raras vezes, coxa nestes casos.

"É inadmissível, e o Estado tem de se responsabilizar, que uma mulher apresente queixa às autoridades, num país com uma legislação bastante boa, e acabe assassinada", afirma a ativista e docente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. "Existe a ideia por parte do sistema judicial de que a violência doméstica é uma situação de menor potencial ofensivo", atira Maria José Magalhães, apontando o dedo ao Tribunal de Família e Menores por "não estar a cumprir o Estatuto da Vítima", consagrado na Lei nº112/2009. "Este braço do sistema judicial português ainda não leva a sério as ameaças que, habitualmente, acabam por ser concretizadas", salienta Maria José Magalhães, insurgente contra a burocracia que "empanca um tempo crucial para a proteção das vítimas".

O grupo etário mais torturado é o das mulheres com mais de 65 anos, correspondendo a 39% dos assassínios, logo seguido pela faixa entre os 36 e 50 anos, equivalente a 29% das incidências, de acordo com as estatísticas do OMA. A idade dos agressores situa-se em 32% dos casos entre os 36 e os 50, superando os 21% de crimes provocados por homens dos 51 até aos 64 anos. Entre os mais jovens, dos 18 aos 23, encontram-se 11% dos homicidas.

"É INADMISSÍVEL, E O ESTADO TEM DE SE RESPONSABILIZAR, QUE UMA MULHER APRESENTE QUEIXA ÀS AUTORIDADES, NUM PAÍS COM UMA LEGISLAÇÃO BASTANTE BOA, E ACABE ASSASSINADA", AFIRMA MARIA JOSÉ MAGALHÃES

"COMO UM HAMSTER NUMA RODA"

Os telefones e registos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima contabilizaram, entre 2013 e 2017, 36.528 processos de suporte a cidadãos — 85,7 de mulheres e

Em % do total

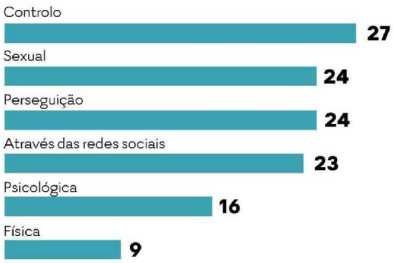
PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO QUE JUSTIFICA VIOLAÇÃO POR VESTUÁRIO E MAQUILHAGEM DA VÍTIMA

FONTE: SPECIAL EUROBAROMETER 449, 2016

manchete

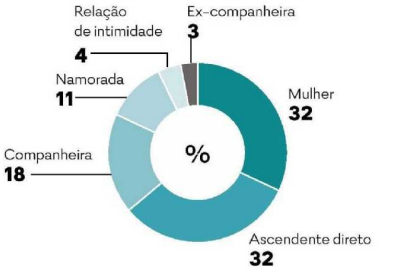
Expresso	Periodicidade: Semanal	Temática: Justica
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2495 cm²
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
02-03-2019	Tiragem: 82175	Página (s): 7 a 9

TIPOS DE VIOLÊNCIA NO NAMORO EM PORTUGAL
Em %, 2019



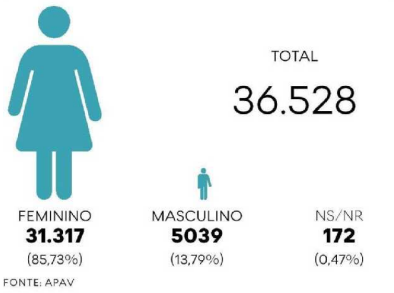
FONTE: ESTUDO NACIONAL SOBRE A VIOLÊNCIA NO NAMORO 2019

RELAÇÃO DA VÍTIMA COM O HOMICIDA
Em Portugal



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MULHERES ASSASSINADAS DA UMAR

PROCESSOS DE APOIO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENTRE 2013 E 2017
Em Portugal



FONTE: APAV

NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENTRE 2004 E 2018
Em Portugal

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MULHERES ASSASSINADAS DA UMAR

13,7% de homens — em busca de uma mão libertadora da violência doméstica. "É um espectro muito grande", onde se inclui a violência verbal e psicológica, define Daniel Cotrim, psicólogo e membro da APAV. Os referidos valores consumaram-se em 87 mil e 730 factos criminosos, 49% das vezes cometidos — muitas vezes de forma perpetuada no tempo e reportados, em média, após seis anos — por cônjuges ou companheiros. "O contexto continuado é, na grande maioria das situações, uma das características da violência doméstica", enquadra o supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo, com mais de 40 residências distribuídas por todo o território, incluindo uma vocacionada para acolher exclusivamente pessoas do sexo masculino.
"O ciclo é repetitivo porque, muitas vezes, a vítima acaba por dar uma mais uma oportunidade ao agressor", conta Daniel Cotrim, identificando sentimentos de culpa associados às vítimas. "Pensam que podem ter errado no relacionamento, como mães, como mulheres e na possibilidade de não corresponderem aos cânones sociais", explica, ao Expresso, o especialista. "As raízes da violência doméstica — exercício de poder que aumenta a assimetria entre homens e mulheres — estão numa cultura estrutural de desigualdade de género, baseada em crenças, estereótipos e discursos machistas", evidencia o psicólogo de 46 anos, há 18 a colaborar com a APAV.
"As mulheres sentem-se como um hamster numa roda em que correm, correm, correm, mas não conseguem sair dali", metaforiza Daniel Cotrim, referindo-se a um crime público para o qual a sociedade "assobia para o lado" e que, "de alguma forma, normalizou e banalizou". As marcas, essas, podem ser indeléveis. "São as sequelas psicológicas aquelas que perduram mais tempo, afetando a autoestima, autoimagem e a forma como vão estabelecer relações interpessoais", diagnostica.

O DIVÓRCIO DO AMOR ROMÂNTICO

A presidente da UMAR foca igualmente a problemática da violência no namoro, em que "a identificação dos casos é o grande problema" e cujos indicadores podem passar pelo controlo, pelo ciúme, vigiar as redes sociais, forçar um beijo em público ou não permitir que a outra pessoa saia à noite com os amigos. "É necessário abandonar o discurso do amor romântico — entranhado desde o séc. XIX, com a apologia de amar perdidamente —, que é muito bonito na literatura, mas na vida real é uma armadilha", avisa Maria José Magalhães relativamente a uma lógica que considera prejudicial. "O agressor promete que não volta a acontecer. Pede desculpa e diz que ama ao ponto de, por vezes, não se conter. Consegue controlar-se durante um ano ou dois, mas depois volta a acontecer, de forma mais grave do que a anterior", frisa a responsável de 60 anos. "A violência começa com pezinhos de lã, que de suaves nada têm, através de pequenos gestos", denuncia a presidente da UMAR. A mudança pode morar seguramente nas pequenas ações. Repetir, para não repetir. Nem mais uma! É preciso lembrar. Todos os nomes. Todos os números. Um número. Uma palavra a dizer num assunto nosso. 116.006. ●

"É NECESSÁRIO ABANDONAR O DISCURSO DO AMOR ROMÂNTICO — ENTRANHADO DESDE O SÉC. XIX, COM A APOLOGIA DE AMAR PERDIDAMENTE —, QUE É MUITO BONITO NA LITERATURA, MAS NA VIDA REAL É UMA ARMADILHA", AVISA A PRESIDENTE DA UMAR